

**PODCAST CIÊNCIA SUJA
TEMPORADA 5, EPISÓDIO 6**

Título: Do ET Bilu a Ratanabá

Roteirista: Mylena Fraiha

REPORTAGEM DOMINGO ESPETACULAR

Apresentador: "Bilu diz que quer dar um recado"

Repórter: "Qual é a sua mensagem para a Terra, Bilu?"

ET Bilu: "Apenas que... busquem conhecimento"

THEO: "Apenas que... busquem conhecimento". Na boa, essa é uma frase antológica da TV brasileira. O ano era 2010 e uma equipe de reportagem do Domingo Espetacular, da Record, estava conversando com um alienígena. Era o ET Bilu. Baita nome, aliás.

THEO: Pelas imagens da matéria, parece que a gente está numa região de mata, mas é tudo muito escuro, a câmera está com a visão noturna ligada até. O ET Bilu está uns metros para frente, meio escondido numas plantas.

REPORTAGEM DOMINGO ESPETACULAR

O nosso cinegrafista mostra o momento em que Bilu dá um salto para frente.

THEO: Nessa hora, tem uma luz apontada na direção do Bilu e, cara, dá claramente para ver que é um pulo de gente como a gente. O ET Bilu parece muito uma pessoa com um capacete e alguma coisa para esconder a cara. E ele fala um ótimo português.

CAROL: Para registrar essa cena pitoresca aí, a equipe do Domingo Espetacular foi até uma área rural na região de Corguinho, um município no interior de Mato Grosso do Sul. Conhecido como Zigurats, o local é uma espécie de vila. Só que as casas ali tem um formato de iglu, e os frequentadores são bem interessados em ufologia e experiências paranormais. Essa era a turma do Projeto Portal. Eles estavam acompanhando a equipe de reportagem, e pedindo para apagar a luz da câmera toda hora.

CAROL: Na época, lá em 2010, o ET Bilu viralizou. O vídeo foi visto milhares de vezes no YouTube e ficou entre os assuntos mais comentados do Twitter. Virou um fenômeno na época que os memes estavam começando a eclodir. Naquele mesmo ano, o Projeto Portal também virou matéria do programa CQC. E aí quem foi para Mato Grosso do Sul foi o Danilo Gentili.

REPORTAGEM DO CQC

Danilo Gentili: “Eu já estou escutando o ET Bilu. Ele está no meio dessa mata aqui. Ele falou que muita gente tem medo dele e ele tá certo, porque eu estou me borrando todo. Eu estou à disposição”.

ET Bilu: “Bilu também está à disposição de Danilo”.

Danilo Gentili: “O Bilu também está à minha disposição. Qual posição você prefere Bilu?”

ET Bilu: “A que você mais gosta”.

Danilo Gentili: “A que eu mais gosto...Nunca vi. Vamos nos conhecer primeiro, uma bebidinha, aí a gente vê o que faz”.

CAROL: Ok, o CQC tinha essa pegada de humor, mas como deu pra ver, o Bilu logo virou motivo de piada no Brasil todo, né. Pô, um extraterrestre com voz infantilizada, que se chamava Bilu, era um negócio pra rir mesmo. E só para reforçar o óbvio, tiveram especialistas que descartaram a autenticidade do ET. Segundo eles, dá para ver pelos vídeos que é uma pessoa com óculos e uns focos de luz que eles fingiam ser os olhos do Bilu.

THEO: Só que o tal Projeto Portal não é só uma história engraçadinha. Ok, esse pessoal segue com umas ideias estranhas, como a de que a Terra é convexa e que descendentes de alienígenas fundaram a primeira civilização humana no meio da Amazônia, a chamada Ratanabá.

THEO: Mas, no meio desses papos, esse pessoal também está propagando discursos perigosos, como o de que vacinas não funcionam e que desastres ambientais como as enchentes do Rio Grande do Sul não teriam como ser evitados, porque são cíclicos. Ou seja, eles negam a mão humana nas mudanças climáticas e isentam as autoridades públicas.

CAROL: E essa turma tem uma influência, principalmente ali no Mato Grosso do Sul. O Projeto Portal hoje se chama Dakila Ecossistemas, e isso tem motivo de ser. Dentro da operação deles, tem empresa de turismo, de vinho, de cosméticos, de materiais de construção... e até um instituto de pesquisa. É o Dakila Pesquisas, e eles conseguiram se infiltrar até em um congresso científico sério e, pelo visto, em uma universidade federal.

FABIANO PUPIM

E acabou tendo uma discussão, o que eles conseguiram usar como o Sinageo, um evento científico, está validando ou Ratanabá.

CAROL: Nesse episódio, a gente vai ver como um grupo do Mato Grosso do Sul saiu do ET Bilu para virar o Ecossistema Dakila. A gente inclusive foi pra Zigurats, a “cidade” entre aspas que eles fundaram, pra entender melhor esse cenário. Eu sou a Carol Marcelino.

THEO: Eu sou o Theo Ruprecht, e esse é o Ciência Suja, o podcast que mostra que, em crimes contra a ciência, as vítimas somos todos nós.

[TRILHA-SONORA]

THEO: A gente aqui do Ciência Suja sempre ficava muito intrigado com essa história da Dakila. A Chloé Pinheiro, nossa produtora e roteirista, inclusive morou uma época em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, e vira-e-mexe passava uns links bem estranhos pra gente – até porque a Dakila emplacou um especial publicitário com direito a nove matérias no g1, que é um dos maiores portais de notícia no Brasil para quem não sabe.

THEO: Só que a Chlô não mora mais lá, e não dava para tocar essa matéria sem um jornalista local. Então a gente ficou feliz de ter a inscrição da Mylena Fraiha na nossa chamada de pautas deste ano. Diz aí, Mylena.

MYLENA: Oi, gente! Eu sou jornalista, mestre em Comunicação e uma das fundadoras da revista Badaró, que é dedicada à linguagem dos quadrinhos. Atualmente, eu trabalho em um dos jornais online mais tradicionais de Campo Grande. Enfim, eu cubro de tudo, mas essa história da Dakila me intrigou, porque a turma do ET Bilu sempre foi uma espécie de piada por aqui, ninguém levava muito a sério. Só que agora a dimensão deles tem assustado um pouco, até porque eles chegaram com umas ideias esquisitas em um evento na universidade onde eu fiz graduação e mestrado.

THEO: Bom, a Mylena tinha esse conhecimento geral sobre a presença da Dakila no Mato Grosso do Sul, mas foi descobrindo muitas outras coisas usando, entre outros talentos, seu bom faro para caçar arquivo de vídeo na internet. Ouve só essa pérola.

PROGRAMA DO JÔ SOARES

Jô Soares - "Você já esteve em outro planeta?"

Urandir - "Olha só, eu já fui levado à nave três vezes. Uma vez foi quando eu tinha 13 anos. Eles fizeram até uma marca no meu pescoço, que ainda existe"

Jô Soares - "Cadê, tem aí? Posso ver a marca?"

Urandir - "Pode ver"

Jô Soares - "Isso não é um comichãozinho que deu? Uma coceirinha?"

CAROL: Esse homem que está sendo entrevistado pelo Jô Soares é o Urandir Fernandes de Oliveira, o cara que revelou o ET Bilu pro mundo. Na época, e essa entrevista aconteceu na década de 90, ele dizia que era um "paranormal", e fazia palestras sobre como desenvolver habilidades mentais. Era meio um coach quântico da época, vai.

CAROL: E o Urandir conseguia espaço nas TVs. Ele foi também no Programa do Ratinho e nessas ocasiões ele fazia coisas como entortar garfos e desligar televisores supostamente com o poder da mente, e já afirmava que tinha contatos diretos com "seres de outros planetas". Isso tudo bem antes do ET Bilu, só para ficar claro.

TRECHO DE REPORTAGEM

Jornalista: "É verdade que você tem um chip aqui?"

Urandir: Sim, colocado por seres extraterrestres quando eu tinha 13 anos de idade

THEO: Foi só em 1999 que o Urandir fundou o "Projeto Portal" e iniciou a construção de Zigurats, a "cidade do futuro". Ele comprou o terreno no interior do Mato Grosso do Sul de um fazendeiro – segundo o grupo dele, o local tem um importante "vortex de energia magnética".

THEO: No início dos anos 2000, algumas pessoas chegaram a comprar lotes dentro desse terreno e começaram a construir umas casinhas com telhados arredondados, meio em forma de domo. E tinham uns outros mais piramidais. O negócio chamava atenção pelo diferente, mas essas construções seguiriam modelos para dificultar o destelhamento em caso de acidentes climáticos na região. A propaganda era que Zigurats seria uma cidade preparada para uma catástrofe apocalíptica.

CAROL: Pouco a pouco, os seguidores do Urandir começaram a se mudar para lá e a participar das atividades do Projeto Portal, que envolviam basicamente investigar sinais enviados por extraterrestres e também fazer um "treinamento mental". Foi essa a época do ET Bilu.

CAROL: Só que o grupo foi mudando, e crescendo. Em 2021, a empresa Dakila Pesquisas passou a se apresentar como Ecossistema Dakila, e expandiu suas atividades para diversos setores, como turismo, cosméticos, mineração, criptomoedas e até produção de vinhos. É uma espécie de holding, com várias empresas envolvidas.

CAROL: O grupo tem investido até na comunicação através das redes sociais e em uma WEB TV chamada TVCH (que é a TV Central de Habilidades). Além do Urandir, que é mesmo a figura central do negócio, a Dakila conta com "influenciadores" que se apresentam como pesquisadores e ajudam a divulgar as ideias do projeto.

CAROL: Então aquela ufologia mais raiz do passado foi ganhando um ar maior de legitimidade. E conquistou muita gente nas redes sociais, onde as suas teses têm se disseminado, a despeito de serem vistas como absurdas pela comunidade científica. O perfil da Dakila no Youtube tem mais de 70 mil assinantes, e tem vídeos lá com mais de 100 mil visualizações.

THEO: Uma dessas histórias você provavelmente já ouviu falar. É a suposta descoberta de Ratanabá, a cidade perdida na Amazônia, que teria sido construída por uma civilização alienígena chamada Muril. Essa seria a primeira civilização humana (ou humanoide) a habitar a Terra, e teria surgido há 450 milhões de anos. Guarda esse número.

THEO: Na explicação dos pesquisadores da Dakila, Ratanabá é um nome na linguagem Irudin - o primeiro idioma falado na Terra, segundo essas teorias aí - e significa "do Reino para os Mundos". Eles também afirmam que Ratanabá seria "maior que a Grande São Paulo", que era "a capital do mundo" e "escondia muita riqueza, como esculturas de ouro e tecnologias avançadas de nossos ancestrais". É quase uma mistura de Eldorado e Atlântida.

THEO: O Urandir e a turma dele alegam, que além de Ratanabá, eles também descobriram ruínas de 32 cidades na região amazônica durante expedições que

eles fizeram. E que Ratanabá era mais avançada que as civilizações pré-colombianas, como os maias e incas, que ocuparam boa parte das Américas antes da chegada dos europeus, no século 16. Ouve só mais um trecho que a Mylena pescou nas redes sociais.

LIVE URANDIR E RAFAEL HUNGRIA

E o que tem ali, as informações que contém Ratanabá, valem mais do que ouro. Mesmo porque algumas ruas, colunas e construções são de ouro. Não tem como negar. Os vikings levavam ouro de onde? Ratanabá. Os maias, os astecas levavam ouro de onde? Ratanabá”.

THEO: Essa é uma live do psicólogo Rafael Hungria, um dos integrantes e orientadores da Dakila Pesquisas. Ele é uma das figuras que mais aparecem nas redes sociais representando a instituição.

CAROL: Mas segue com a gente nessa bad trip. Segundo eles, Ratanabá seria um ponto de convergência de galerias subterrâneas e de trajetos que atravessam o continente sul-americano para outras regiões do mundo.

CAROL: Esse caminho seria uma antiga malha viária com bases na superfície distribuídas em diversos pontos do Brasil e de outros países. Cidades como São Paulo, Peabiru no Paraná e Santo Ângelo no Rio Grande do Sul teriam sido construídas sobre essas bases. Fora do país, ela se estenderia pela Cordilheira dos Andes até o seu destino final, o Monte Nemrut, na Turquia.

CAROL: A equipe do Dakila alega que essa malha viária interligaria pontos magnéticos, sei lá o que isso significa. Esse caminho seria o “Caminho de Peabiru”.

THEO: Só que a inconsistência dessa história já começa pela data. Ratanabá teria surgido 450 milhões de anos atrás, e nessa época o planeta Terra nem tinha se subdividido em continentes. A humanidade só viria a existir algumas centenas de milhões de anos depois. Quem reforçou isso pra gente é o coordenador do Laboratório de Arqueologia dos Trópicos do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, o Eduardo Góes Neves.

EDUARDO GÓES NEVES

Não existia nem Amazônia, nem Turquia nessa época, gente. Eles partem da premissa, que é uma premissa meio terraplanista também, de que o planeta sempre foi o mesmo. De que a configuração dos continentes do planeta era a mesma 450 milhões de anos atrás, mas ela não era. O processo de surgimento dos Andes se estabilizou há mais ou menos 8 milhões de anos, e não a 450 milhões atrás.

THEO: Ou seja, não daria pra fazer um túnel subterrâneo no que hoje é a Cordilheira dos Andes há 450 milhões de anos atrás, pelo menos não desse jeito que foi pintado pelo pessoal da Dakila.

THEO: E tem mais uma malandragem aqui, porque o Caminho de Peabiru não é uma invenção da Dakila. [Existem evidências de uma rede que realmente ligava o litoral leste da América do Sul ao litoral oeste](#). Seria uma rota criada por indígenas (não por descendentes de alienígenas) e ela ganhou esse nome de Caminho de

Peabiru mesmo. Só que primeiro que algumas teorias dizem que ela foi feita entre os anos 400 e 500 depois de Cristo, enquanto outras afirmam que ela teria até 10 mil anos. Nenhuma fala de uma rota de milhões de anos atrás, nenhuma fala de Ratanabá e nenhuma diz que essas rotas foram para outros continentes.

CAROL: Aliás, o professor Eduardo estuda há mais de 35 anos a história da ocupação humana na Amazônia. Hoje ele está envolvido com o projeto “Amazônia Revelada”, que está mostrando como a maior floresta tropical do mundo foi e continua sendo habitada pelos chamados “Povos da Floresta” – e como eles não tinham nada de primitivos, no sentido de serem menos evoluídos, como tem gente que ainda pensa.

CAROL: Então eu acho que até por isso ele se irrita um pouco com essas histórias de Ratanabá. Porque, no fim, elas geram confusão sobre o trabalho dele. O Eduardo está procurando vestígios de civilizações ali, mas não falando que elas têm 450 milhões de anos e menos ainda que elas vieram de uma linhagem de alienígenas, até porque isso diminui e até apaga os feitos dos indígenas, né.

THEO: Escuta essa história, por exemplo. Com o aval dos povos indígenas, o grupo do Eduardo sobrevoou a Terra do Meio e a Serra da Muralha, em Rondônia, usando a tecnologia LiDAR para buscar indícios de sítios arqueológicos. Essa tecnologia, que é muito cara por sinal, consegue mapear grandes áreas sem precisar de uma intervenção física, direta, e isso ajuda a ver coisas como desmatamentos ou escavações. Inclusive guarde esse nome, LiDAR, porque isso vai dar pano para manga.

THEO: Enfim, o Eduardo disse que pesquisas arqueológicas revelaram que a ocupação mais antiga encontrada na Amazônia é de 14 mil anos atrás, no Alto Rio Guaporé, no Mato Grosso.

THEO: Ele também reforçou que os povos que viviam na região tinham uma tecnologia impressionante, especialmente na área de agrobiodiversidade. Eles conseguiam adaptar o solo para a agricultura e domesticar plantas, o que não era pouca porcaria naquela época, não. Tanto que foram os primeiros a cultivar várias espécies de vegetais e frutas, como a mandioca.

EDUARDO GÓES NEVES

Há uma visão com relação às regiões tropicais, equatoriais, como a Amazônia no Brasil, que é muito preconceituosa, pessimista. A ideia de que os trópicos nunca tiveram condições de produzir e que os povos que habitam as regiões tropicais e equatoriais sempre foram mais atrasados e limitados por diversos fatores. No entanto, se analisarmos a história do cultivo de plantas, é uma história maravilhosa.

THEO: E esse é um exemplo só, porque as cerâmicas mais antigas das Américas também foram produzidas na Amazônia, e provavelmente em mais de um local da Amazônia, segundo o Eduardo.

CAROL: É, mas aí pensa que vem uma galera e sugere que, na realidade, os vestígios arqueológicos dali não mostram a complexidade incrível dos povos da floresta. Na verdade, eles são provas de poderes especiais de alienígenas. E para

you see that I'm not lying, look at this audio that Mylena found from an interview with Rafael Hungria, one of the members of Dakila Pesquisas. He was talking about that civilization Muril, who would have founded Ratanabá, and who came from ETs.

PODCAST CAFÉ DA MANHA (TV CULTURA LITORAL)

They were different beings, because what we are discovering, they were taller, with a genetics a little different from ours, not belonging to the Homo sapiens sapiens line, the Adamic race that we recognize today as the human being on Earth. Their genetics was really different. They were tall, maybe giants, able to reach three or four meters in height. Because what we understand, these beings had an origin possibly extraterrestrial. They were visitors from Earth, they came here in a very distant past, they were the first inhabitants of the planet and they built these great cities in stone around the world.

CAROL: This talk is in the podcast Café da Manhã, from the program of the morning of TV Cultura Litoral. Aliás, não vamos confundir com o Café da Manhã da Folha de São Paulo. E um parênteses aqui. Essa história de Ratanabá viralizou na internet em junho de 2022, depois que a página Choquei publicou a teoria sem dar muito contexto. Aí o assunto ficou entre os mais comentados no Twitter e também apareceu nos mais buscados do Google. No mesmo dia, a Choquei se retratou e apagou as postagens, mas a história já estava no mundo.

CAROL: Tanto que no mesmo mês, o ex-secretário de Cultura do governo Bolsonaro, o Mario Frias, compartilhou nas redes sociais que tinha se encontrado com o próprio Urandir e recebeu uma atualização sobre as pesquisas que o grupo Dakila vinha fazendo.

CAROL: O Mario Frias foi criticado para caramba, mas, como boa parte daquele governo, ele firmou o pé na pseudociência e escreveu isso aqui no Twitter, no dia 14 daquele mesmo junho de 2022:

TWITTER DO MARIO FRIAS

É importante termos a mente aberta e respeitar o trabalho de quem realmente vai a campo. O fato é que podemos estar diante da maior descoberta dos últimos tempos.

THEO: E essa bombada na história de Ratanabá coincide com a época em que o indigenista brasileiro Bruno Pereira e o jornalista britânico Dom Phillips foram assassinados no Vale do Javari, a segunda maior terra indígena do Brasil, no Amazonas.

THEO: Só para recapitular: no dia 5 de junho de 2022, a União das Organizações Indígenas do Vale do Javari organizou buscas para encontrar o Bruno e o Dom depois de eles terem desaparecido. E no dia 15 de junho, um dia depois da tuitada do Mario Frias, os dois foram confirmados como mortos.

THEO: É claro que a gente não está afirmando que a Dakila Pesquisas tenha qualquer relação com essa tragédia. Mas o papo de Ratanabá serviu muito bem como uma cortina de fumaça para aquele governo desviar o assunto desses assassinatos.

EDUARDO GÓES NEVES

Eu acho que essa história veio à tona com muita força naquela época como uma espécie de cortina de fumaça para tirar o foco naquela história do Bruno e do Dom, mas para dizer também: "Olha esse cara que morreu, a gente sabe que ele foi assassinado, ele morreu porque era um gringo que tava lá dizendo que era jornalista, mas no fundo ele era de ONG, tinha interesse na Amazônia".

THEO: É, e tem esse ponto que o Eduardo falou agora no fim. A história de Ratanabá ajuda a justificar outra conspiração que circula nas redes bolsonaristas: a de que muitos países, por meio de ONGs internacionais, têm o objetivo de dominar e roubar as riquezas da Amazônia. O raciocínio é o de que a luta pela preservação da Amazônia e pelos direitos indígenas seria uma fachada para organizações estrangeiras saquearem o ouro, as outras riquezas e até os segredos da Amazônia, e de Ratanabá. E isso acaba batendo no Dom Phillips, que era gringo, e no Bruno, que era indigenista.

THEO: De novo, a gente não tem nenhum elemento para dizer que o Urandir e a equipe dele soltaram essa história de propósito, ou mesmo que eles aproveitaram ela nesse sentido de minimizar o estrago que a morte do Bruno e do Dom fez para imagem do governo.

THEO: Mas o que dá para dizer é que o Urandir e os seguidores dele sempre argumentam que os órgãos governamentais, as agências de fiscalização e as organizações socioambientais fazem parte de um "sistema" que quer ocultar a verdade da humanidade, e por isso que eles não reconhecem Ratanabá. O que é um raciocínio tipicamente pseudocientífico, aliás.

CAROL: E aí com isso a gente começa a cair naquela coisa de que uma pseudociência puxa a outra. O Urandir e alguns integrantes da Dakila criticaram as vacinas contra a Covid, e com isso eles vão puxando os seguidores deles para esse caminho complicado. É um cenário de desinformação que a gente já discutiu bastante no episódio "A rede antivacina". E até por isso a gente pediu pra nossa Chloé Pinheiro, que produziu aquele episódio, falar sobre isso num áudio de zap:

CHLOÉ PINHEIRO.

Tem um ecossistema de desinformação, que está bem consolidado, e que se beneficiou da pandemia, e que basicamente fica alimentando as pessoas com mentiras sobre tudo. STF, vacina, ET, mudança climática. Não importa muito se é sobre política, medicina, ufologia. O que importa é manter as pessoas presas nessa bolha, achando que fazem parte de uma turma especial, que sabem o que ninguém mais sabe. E o triste é que isso geralmente vem com uma solução alternativa para esses problemas.

CAROL: E esse combo de desinformação recentemente repercutiu até nas enchentes no Rio Grande do Sul. Dessa vez não foi o Urandir, mas um dos integrantes da Dakila Pesquisas chamado Felipe Castelo Branco. Em uma live, ele afirmou que as enchentes foram causadas pela "transição de ondas moduladoras", e que isso seria algo cíclico.

LIVE FELIPE CASTELO BRANCO

Porque são anos ouvindo nossos parceiros relatando transição entre as ondas moduladoras, vai mudar o MDPL. Isso aí vai causar anomalias climáticas graves. A nossa ciência com El Niño, La Niña, CO2.

CAROL: Ou seja, ele ignorou completamente uma possível relação entre as atividades humanas e eventos climáticos extremos, e ainda deixou barato para o poder público local, que não tomou as medidas para minimizar uma tragédia como essa. E olha que no site oficial o Felipe Castelo Branco é apontado como o diretor da Dakila Pesquisas e do Centro de Inovações, Ciência e Tecnologias do grupo.

CAROL: Para explicar essa história, a gente pediu mais um zap. Mas dessa vez pra Karina Lima, que ajudou no episódio “Negacionismo climático à brasileira”, que é uma doutoranda em climatologia e é uma divulgadora científica de mão cheia.

KARINA LIMA

Tivemos um evento extremo realmente muito intenso e o sistema receptor deste evento tem inúmeras vulnerabilidades. O El Niño, que é um fenômeno natural, contribuiu para o evento extremo, mas não foi o único responsável. As mudanças climáticas antropogênicas, ou seja, causadas pelo homem, tiveram papel importante em tornar um evento mais provável e mais intenso, e conseqüentemente com maior potencial destrutivo. Isso é física do clima. Então negar as mudanças climáticas antropogênicas e a relação do aquecimento da atmosfera, oceano e superfície terrestre na potencialização sistemática de extremos, mesmo com toda ampla e sólida base que a ciência do clima construiu, é negacionismo puro. E também há quem propositalmente queira separar uma coisa da outra, mas tá tudo conectado no sistema terrestre. Então tivemos muitos ingredientes para que o desastre fosse terrível e a influência humana está presente em todos eles. Desde o aquecimento global antropogênico tornando estes outros eventos extremos mais prováveis e piores, passando pelas decisões que propiciaram o afrouxamento da legislação ambiental, até a ausência de investimento em manutenção e plano de adaptação climático.

CAROL: Então assim, por mais que algumas das afirmações desse pessoal pareçam pitorescas, a verdade é que elas podem contribuir para um ecossistema que favorece a circulação de notícias falsas, capazes de prejudicar a saúde da população e o meio ambiente.

CAROL: Depois do intervalo a gente conta como a Dakila seguiu suas explorações na Amazônia, e como foi pra Mylena, a produtora desse episódio, ver de perto a cidade de Zigurats, que eles construíram do zero.

//////////////////// INTERVALO //////////////////////////////////////

THEO: Eu queria aproveitar esse intervalo para indicar mais um podcast que tem o apoio do Instituto Serrapilheira: o “Axé das Plantas: cura do corpo e da alma”. Esse é um projeto muito interessante, porque ele parte de plantas comumente usadas em terreiros, quilombos, territórios indígenas e em práticas medicinais populares para discutir ciência, e a cultura também de diferentes lugares na Bahia.

THEO: Em cada episódio, e já tem alguns no ar, você vai se aprofundando na história dessas plantas, e em como elas são exemplos de onde a “ciência convencional” casa, e onde ela conflita, com tradições valiosas do nosso país.

THEO: Umburana de Cheiro, quioiô, alfavacão... Esse é um podcast para conhecer nomes, plantas, cheiros, sabores, culturas e as histórias de pessoas por trás disso tudo – a partir do olhar delas e também de pesquisadores da etnofarmacologia e da fitoquímica. Aliás, tem bastante pesquisador de mão cheia da UFBA envolvido no projeto. O podcast Axé das Plantas está disponível nas plataformas de podcast, escuta aí!

CAROL: E agora mais um recado sobre o episódio da semana da Rádio Novelo!

//////////////////// **VOLTA DO INTERVALO** //////////////////////

THEO: Durante a conversa com o Eduardo Goés Neves, ele antecipou que a Dakila seguia tentando fazer “pesquisas arqueológicas”, entre aspas, na Amazônia. E ele sugeriu para a gente bater um papo com um cara que chegou a fazer um dossiê sobre a atividade desse pessoal. É o arqueólogo e historiador Artur Barcelos, professor do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande, a FURG, que fica no Rio Grande do Sul.

THEO: E, pô, se tem um pesquisador com um dossiê sobre a Dakila, a gente precisava bater um papo com ele, né.

ARTUR BARCELOS

Foi aí que houve esse cruzamento. Eu tenho uma carreira de pesquisa como arqueólogo e historiador nesse assunto das Missões, e tenho um interesse paralelo em esoterismo e ufologia por pura curiosidade pessoal.

THEO: Dois pontos aqui: o primeiro é que esse interesse pessoal do Artur vinha da adolescência dele; ele disse que gostava dessas histórias de ufologia, comprava revistas e tudo mais. Ele já conhecia o Urandir dessa época então. Mas com o tempo, esse interesse migrou mais para uma coisa de entender como pensam e agem pessoas que estão por trás desse movimentos.

THEO: O segundo ponto aqui, gente, é que considerar a vida fora do planeta não é uma pseudociência em si. Tem estudioso sério que acaba batendo lateralmente nesse assunto ao estudar fenômenos astronômicos, por exemplo. E o próprio Carl Sagan, que muita gente aponta como um dos maiores divulgadores científicos, fez umas atividades nesse sentido.

THEO: Mas pseudociência é falar que umas formações estranhas em Marte são sinal de vida, quando já se sabe que elas são apenas fenômenos geológicos comuns. Ou deturpar dados arqueológicos, contrariar todo o estudo da Humanidade e aí criar uma história em que uma população descendente de alienígenas fundou a primeira civilização humana, sem qualquer evidência confiável disso.

THEO: E o terceiro ponto é sobre as “missões” que o Artur falou, e estuda. Para ficar claro, o Artur estuda há 30 anos as “Missões Jesuíticas” que surgiram nos

séculos 17 e 18. Elas eram aldeamentos indígenas fundados por padres espanhóis numa área chamada de Continente do Rio Grande de São Pedro, que engloba o Rio Grande do Sul, o norte da Argentina e o sul do Paraguai. E aí vem mais uma conexão com a Dakila.

ARTUR BARCELOS

E acabei vendo que voltou-se a falar nele. E quando eu fui ver o que ele andava aprontando, eu fui ver um dos vídeos, e ele estava no Rio Grande do Sul, visitando as Missões e dando uma explicação absolutamente fora da curva.

CAROL: O “ele” que o Artur está falando é o Urandir. E para você entender: a Dakila Pesquisa começou a dizer que as ruínas de uma dessas missões – a de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul – não seriam resquícios dos jesuítas e dos indígenas. E sim evidências da presença dos Muril, aquela civilização de 450 milhões de anos atrás que descende de seres de outro mundo. O que, claro, não é reconhecido basicamente por ninguém, tirando eles.

THEO: Eles viajaram bastante, e uma hora pararam no Mato Grosso, na região de Apiacás, que fica mais pro Norte do estado. E, em 2022, eles anunciaram a suposta confirmação da descoberta de quadras de Ratanabá na região. Para isso, eles fizeram um sobrevoo e usaram aquela tecnologia caríssima chamada LiDAR, que é um sensor que é colocado em um avião ou drone. Só que esse sensor consegue fornecer informações em alta resolução, e em 3D, inclusive nas áreas de floresta.

THEO: Pelo que a gente viu em uma entrevista do Urandir para o programa “Boa na Pan”, da filial da Jovem Pan de Curitiba, o pessoal da Dakila afirma que financiou a tecnologia com recursos próprios e de doações dadas por “entusiastas” da pesquisa na região. Enfim, eles detectaram umas linhas retas na floresta amazônica na região norte do Mato Grosso, e aí disseram que elas seriam marcas das construções de uma antiga cidade até então escondida. Nas redes sociais eles publicaram vídeos, textos e lives afirmando que tinham encontrado provas concretas da existência das quadras de Ratanabá.

LIVE COM SAULO IVAN NERI

Na minha visão, esses pontos – o levantamento do LiDAR, a visita na área e essa pesquisa que eu fiz para mudar a perspectiva, a minha posição para enxergar a natureza – foram fundamentais para entender que aquilo ali é antrópico ou, no caso, Muril. Aquilo ali não é natural.

THEO: Essa voz aí é do geógrafo Saulo Ivan Nery, um dos integrantes da Dakila Pesquisas, em uma live do grupo. Só que eles não provaram nada, gente. O que eles fizeram foi mostrar um padrão geológico em xadrez, o que não é surpresa nenhuma para arqueólogos como o Eduardo Góes Neves. Esse padrão geológico pode, sim, ser algo natural ou até mesmo construído por povos indígenas que estavam lá.

THEO: Tanto que naquela mesma live, o Saulo fala que, pra entender esses achados como sendo Ratanabá, você precisa pensar de um jeito “diferente”.

LIVE COM SAULO IVAN NERI

Para quem está no caminho, está tentando descobrir e fala “ah, isso não me convenceu ainda”, busque esses estudos mais alternativos, essa perspectiva diferenciada de você enxergar a natureza. E com um outro olhar, ver que esse tempo geológico feito e calculado pelo homem ainda precisa de grandes contribuições científicas. E é isso que Dakila irá fazer. Já está fazendo na verdade.

CAROL: Mas voltando pro professor Artur e para o seu dossiê sobre a Dakila Pesquisas. Cavando essas histórias, ele percebeu que desde 2021, a equipe do Urandir tenta conseguir uma autorização do Iphan para fazer pesquisas arqueológicas na região onde eles acreditam que fica Ratanabá. O Iphan é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; é aquele órgão que impede construtoras de saírem derrubando obras históricas ou certos sítios arqueológicos para levantar mais um prédio com varanda gourmet. E o Iphan controla as atividades em locais que a Dakila Pesquisas queria mexer.

CAROL: Enfim, o Artur viu através do Sistema Eletrônico de Informação que eles tentaram três vezes uma autorização. E é interessante porque aí dá para ver o processo, e os argumentos deles.

CAROL: Na primeira tentativa, a Dakila solicitou permissão para pesquisas arqueológicas em Ratanabá, alegando a descoberta de uma cidade pré-diluviana. É, é isso mesmo, eles falaram que era uma cidade que veio antes do dilúvio do Gênesis, uma parte da Bíblia. Está aí uma baita mistura de religião com ciência. Bom, o Iphan respondeu pedindo mais informações e destacou que os sítios arqueológicos mencionados não eram conhecidos pelo instituto.

CAROL: Na segunda tentativa, em março de 2021, a Dakila solicitou autorização para pesquisas em diferentes regiões da Amazônia, e agora eles se referiram às ruínas da civilização Muril, aquele povo que descende dos ETs, que tinha outra genética, etc.

CAROL: E uma informaçãozinha pra você: o então deputado federal Ricardo Barros, que era da base do governo do Bolsonaro (e de outros também), pediu para o Iphan do Amazonas dar uma atenção para a solicitação da Dakila. Em resposta, o Iphan enviou as informações de como são feitas as solicitações de pesquisas arqueológicas, porque o pedido da Dakila tinha só uma página e era muito vago.

THEO: Outra coisa digna de nota é que, em fevereiro de 2023, o Ministério Público Federal de Mato Grosso pediu ao Iphan local mais informações sobre pesquisas relacionadas a Ratanabá. Isso depois de denúncias de sobrevoos em terras indígenas.

THEO: Em uma nota, o Iphan de Mato Grosso respondeu que havia tramitado um pedido da Dakila – o terceiro aqui – para realizar pesquisas arqueológicas, mas a autorização não tinha sido concedida. E acrescentou:

NOTA DO IPHAN

Resumidamente, não há pesquisas científicas que apontem, sequer, uma mínima possibilidade de Ratanabá existir.

THEO: Sobre os “achados” da Dakila, a mesma nota técnica apontou que especialistas sugerem que as supostas linhas identificadas seriam estruturas geológicas naturais ou geoglifos, que são comuns na Amazônia e não têm relação com cidades perdidas. E a nota do Iphan faz um alerta:

NOTA DO IPHAN

Cabe pontuar, ainda, que a disseminação dessas informações sem qualquer comprovação científica pode, dentre outras coisas, atrair a curiosidade e a busca desenfreada por esses locais que guardam supostos tesouros, colocando em risco os sítios arqueológicos conhecidos ou não, a floresta, bem como as populações indígenas ou outras que ocupem essas regiões.

THEO: Pois é, está aí outro problema que esse pessoal da Dakila poderia causar. Tanto que, em dezembro de 2023, arqueólogos do Paraná mandaram uma “Carta Denúncia da comunidade científica” para o Iphan acusando supostas atividades pseudocientíficas da equipe da Dakila. Eles apontam que patrimônios históricos e arqueológicos no Paraná teriam sido usados pelo time do Urandir para referendar suas teorias.

THEO: E lá veio o Iphan com mais uma resposta, dessa vez em abril de 2024. E repara em expressões como “vandalismo”, “danos irreparáveis” e “condutas maléficas”.

NOTA DO IPHAN

É de conhecimento público o modus operandi pseudocientífico, com recorrência de vandalismo, adotado pelo “Instituto Dakila”. A persistência dessa prática, que se revela prejudicial em diversos aspectos, pressupõe uma eventual ampliação da esfera de investigação para âmbito nacional, considerando o acúmulo substancial de denúncias em todo o país acerca das condutas maléficas desse grupo, que não apenas dissemina desinformação, mas também ocasiona danos irreparáveis a sítios arqueológicos e ao patrimônio nacional.

CAROL: Bom, essa briga toda com o Iphan é pra mostrar como o time da Dakila pelo visto não segue procedimentos considerados adequados pelos técnicos para fazer suas pesquisas. Ouve só o Artur de novo:

ARTUR BARCELOS

Eu queria explicar para vocês que existe todo um ordenamento legal no Brasil de como os arqueólogos e arqueólogas no Brasil atuam. Aquilo que a gente às vezes tem como objeto de pesquisa é patrimônio histórico, patrimônio ambiental, é recurso natural protegido, como é o caso das jazidas de minérios. Então a gente requer uma licença especial para atuar na pesquisa. Principalmente quando se faz o que a gente chama de arqueologia interventiva, quando você retira objetos, escava o solo e interfere em estruturas. Vamos dizer que eu encontre uma ruína do século 18, eu não posso ir lá e abrir a parede para ver o que tem dentro.

CAROL: Só que quando eles são confrontados com fatos como esses, o pessoal da Dakila fica falando nas redes sociais em perseguição do Iphan. É o mesmo discurso de que esses órgãos e os governos em geral são controlados por forças ocultas que

têm o interesse de derrubar suas pesquisas. Escuta só o Urandir de novo em uma live, pra ter noção:

LIVE DO URANDIR

Nós fomos esculhambado, por funcionários, não falo da instituição Iphan, mas funcionários. Já fizeram de tudo, até ameaça suprema, para não continuar com a pesquisa. Que não iam nunca considerar essa pesquisa, que eu não tenho formação técnica para isso aí e que as pessoas que eu estou escolhendo não são as mais bam-bam-bam. Isso é o que nós estamos ouvindo dos órgãos oficiais. Eu não acredito que o nosso governo brasileiro e nosso governo federal tenha interesse em que essa pesquisa venha à tona e que Ratanabá seja revelada, porque existem acordos políticos lá fora.

CAROL: Só porque ele mesmo falou, o Urandir não tem uma formação acadêmica conhecida publicamente. Ele nem tá no Lattes, que é uma plataforma nacional onde você encontra os currículos de pesquisadores do país, e que é bem importante para quem quer produzir ciência por aqui.

CAROL: Enfim, depois de tantas tentativas frustradas, a Dakila mandou um último documento para o Iphan em maio agora solicitando o arquivamento do processo, e pedindo pra esse processo ser colocado em sigilo. Eles argumentaram que o sigilo seria necessário por causa da natureza sensível dos documentos, dos dados pessoais e da relevância para a segurança das partes interessadas.

CAROL: Mas ocultar processos como esses também dificultaria a investigação de pessoas como o Artur, que mostram as inconsistências dos pedidos e a falta de embasamento sólido neles. Então, não que seja essa a intenção da Dakila, mas seria também uma forma de ocultar eventuais mancadadas.

THEO: Agora, se a Dakila Pesquisas não se deu bem com o Iphan, o grupo conseguiu, sim, espaço em um congresso científico sediado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a UFMS, no campus de Corumbá. E aí eles fizeram um movimento todo orquestrado lá. Mas calma que a gente vai explicar a história toda, até porque não é que os organizadores assinam embaixo da causa da Dakila.

THEO: Então vamos lá. Em agosto de 2023, aconteceu o 14° Sinageo, que é o Simpósio Nacional de Geomorfologia. O evento foi organizado pela União da Geomorfologia Brasileira, em conjunto com a UFMS e outras universidades, e também professores de diversas entidades do país. Ou seja, é um evento com credibilidade.

THEO: E, como quase todo congresso científico, ele aceitava a inscrição de resumos de trabalhos científicos para serem apresentados em sessões específicas. Para conseguir espaço, você passa por uma avaliação de revisores que nem sabem quem mandou o artigo. E foi nessa que um trabalho assinado pelo Saulo Ivan Nery, pelo Urandir Fernandes de Oliveira e por outros membros da Dakila foi aceito.

THEO: Mas como é que isso aconteceu, se os procedimentos da equipe da Dakila são tão problemáticos? Para responder essa pergunta, a gente conversou com o

Fabiano do Nascimento Pupim, que é professor de Geomorfologia na Unifesp e integrou a comissão organizadora do evento.

FABIANO PUPIM

Então ali a gente não consegue escrever a ciência inteira que é feita. É um resumo bem simples para ali ter uma seleção e as pessoas poderem discutir presencialmente aqueles resultados, aqueles dados, e apresentar o que está de mais recente na ciência. Geralmente no congresso a gente apresenta o que ainda não foi publicado. Então a gente tá levando ali uma novidade, que talvez em um, dois, três anos vai aparecer nas revistas científicas e a discussão aí é feita para melhorar a qualidade de trabalho.

THEO: Então assim, os trabalhos analisados traziam resumos bem curtos para a comissão organizadora, coisa de 500 palavras, segundo o Fabiano. No caso desse artigo da Dakila, o título era “Análise da paisagem para identificação de formas de relevo a partir de imagens geradas por tecnologia LiDAR”. Olha o LiDAR aí.

FABIANO PUPIM

No caso do trabalho deles, trazia uma inovação tecnológica bem interessante, que é o uso de um sistema de imageamento chamado Lidar, ou LiDAR em inglês, que é um instrumento extremamente caro, que a gente gastaria centenas de milhares de reais para fazer o levantamento de uma área média.

THEO: Nem no título, nem no corpo do texto, tinha qualquer menção à Ratanabá no resumo que a Dakila apresentou pros avaliadores, antes do evento. O máximo que eles escreveram é, abre aspas:

RESUMO DO TRABALHO DA Dakila

Nesses locais, até o momento inóspitos para a pesquisa científica detalhada, é muito provável que, com o desenvolvimento de novos estudos, possamos identificar novas espécies vegetais e animais, além de estruturas arqueológicas inéditas.

THEO: Então, se você é organizador de um evento desses e chega um trabalho usando uma tecnologia de ponta para avaliar uma região da floresta Amazônica, não é absurdo aceitar e levar para uma sessão onde detalhes desse projeto vão ser apresentados e confrontados pelo resto da comunidade científica. E, de novo, não tinha menção a Dakila ou Ratanabá.

CAROL: Pois é, mas segundo o Fabiano, essa ausência de Ratanabá no resumo tinha motivo: que era o de não levantar um baita sinal de alerta de pseudociência para os avaliadores. Tanto que, no dia da apresentação, aí sim Ratanabá foi mencionada, e não foi pouco.

CAROL: O Fabiano estava no evento no dia da apresentação da Dakila. Ele não estava na sala onde eles iriam expor o trabalho, porque ele estava na correria dos organizadores. Normal. A única coisa que chamou a atenção dele foi que os pesquisadores da Dakila vieram todos uniformizados, com umas camisetas pretas que tinham um logo dourado.

FABIANO PUPIM

Eu vi as camisetas, mas assim, como em outros eventos, tem camiseta da universidade tal, de outras. Eu até brinquei que pareciam vendedores de cosméticos, porque era preto tudo em dourado, Dakila, e eu não fazia ideia do que era isso.

CAROL: Até aí tudo bem, os caras entraram na sala e o Fabiano foi tocar a vida dele. Mas aí deu um tempo e de repente um orientando dele veio correndo falar que tinha um povo esquisito tomando conta da sessão para falar um monte de Ratanabá.

FABIANO PUPIM

Ele subiu ao palco e aproveitou aquele fim da sessão, porque não teria outro trabalho, para começar a discutir. Isso gerou uma certa indignação na plateia, entre os outros professores e membros da comunidade que estavam acompanhando. E acabou tendo uma discussão, o que eles conseguiram usar como “o Sinageo, um evento científico, está validando ou Ratanabá”.

CAROL: O detalhe é que, antes do Fabiano ter tempo de fazer qualquer coisa, a turma da Dakila de repente sacou umas câmeras e uns microfones e começaram a gravar a parte da sessão com eles falando de Ratanabá. E eles subiram um vídeo no Youtube rapidinho, justamente para alegar que um evento científico sério teria admitido a existência dessa cidade perdida.

VÍDEO DA Dakila

Mulher: E no final das contas, a nossa apresentação durou um total de 47 minutos. Foi bem bacana, porque, de todos os trabalhos apresentados, o nosso trabalho foi o que mais levantou curiosidades, questionamentos e sugestões também

FABIANO PUPIM

E até a notícia sair da sala de apresentação e chegar em mim, já teve 800 visualizações no Youtube.

CAROL: Então parece que foi uma ação premeditada, não parece? Um grupo faz um resuminho corretinho de um trabalho, aí no dia de apresentar esse trabalho, eles vêm tudo vestido de Dakila, gravam esse teatro para jogar nas redes e saem rapidinho.

THEO: É, porque teve isso também. O negócio foi tão rápido que quando o Fabiano chegou na sala, o grupo da Dakila já tinha dado no pé, então nem teve um “confronto”. Mas pelos menos muitos frequentadores do congresso se mobilizaram para denunciar os vídeos que estavam pipocando nas redes, e eles saíram do ar mesmo. Só que aí o Urandir já tinha divulgado sua participação no Sinageo, e anunciado que Ratanabá tinha sido reconhecido pela ciência.

THEO: Tá, mas dá pra fazer alguma coisa pra evitar esse tipo de atitude?

FABIANO PUPIM

Em momento algum a gente queria ser arbitrário com alguém no evento. Porque a gente não sabe o que as pessoas vão apresentar. E na ciência a gente faz isso, né? A gente discorda. A gente concorda em poder discordar um do outro. A gente traz

os dados e discute os dados. Então eu acho que isso foi uma postura importante. Quem estava na mesa poderia ter sido arbitrário, e talvez eles teriam mais argumentos e teriam mais ferramentas para usar a favor deles. Então fica aí um aprendizado sobre como lidar com a pseudociência quando ela invade o ambiente científico.

THEO: Interessante isso que o Fabiano falou, né. A ciência muitas vezes é produzida em um ambiente de confiança. Você não espera que um cara vai fazer um texto malandro num resumo de apresentação e aí chegar no dia com câmera e tudo pra ligar uma pseudociência a um evento acadêmico sério. E, acima disso, congressos são espaços de debate, então ficar vetando entrada de fulano ou sicrano não é muito bacana, até porque quem vai decidir quem entra e quem sai, né?

THEO: Segundo o Fabiano, se não tivesse essa gravação do Dakila, o que aconteceria é que eles teriam sido refutados pelos outros pesquisadores, como foram, e isso ficaria ali, dentro do congresso. Mas com edição de vídeo, vixe, dá para fazer maravilhas pelos seus próprios interesses.

CAROL: Tá, mas e aquela visita para Zigurats, a cidade construída pelo time de Dakila, que a gente prometeu, né? Bom, a Mylena Fraiha, a produtora desse episódio, é jornalista lá do Mato Grosso do Sul, lembra? Então ela que foi lá ver. Segue daí, Mylena.

MYLENA: Oi de novo. Então, só para vocês entenderem, eu nasci e cresci em Campo Grande, então já tinha ouvido falar dessas histórias de ET Bilu e alienígenas em Corguinho. Só que nunca tinha levado tão a sério, e, mesmo estando aqui há uns 25 anos por aqui, eu nunca tinha visitado Zigurats.

MYLENA: Foram três horas de viagem de Campo Grande, onde eu moro, até Zigurats. Eu precisei pegar um ônibus até Rochedo, uma cidade próxima, e depois seguir o trajeto com um motorista da Ziguratur, que é uma agência de turismo da Cidade Zigurats. E aí a gente andou por uma estrada de chão por mais ou menos uma hora.

MYLENA: E, gente, eu paguei pra ir lá, tá? Cada passeio custa 27 reais por pessoa, e o transporte de Rochedo para lá custou mais 300 reais. Meio salgadinho, mas é só para dizer que a gente entrou pela porta da frente mesmo. O que eu não fiz foi me identificar como jornalista, até por questão de ser mulher e estar viajando sozinha para um lugar que eu não saberia o que iria encontrar. Eu não menti também, eu só falei que queria conhecer a região.

MYLENA: Só que assim, a interação com o motorista já me tranquilizou, ele foi muito simpático e educado, tenho reclamação nenhuma. Assim que eu entrei no carro, ele já começou a explicar como funcionava a cidade e o local que a gente iria visitar.

MYLENA: Entre os passeios que a Ziguratur oferece, eu escolhi o que se chama Havalon, e que é o nome que eles deram para mais uma terra comprada pelo Urandir ali na região. No site, eles afirmavam que:

TEXTO DO SITE

É um local que facilita o desenvolvimento de suas habilidades físicas e extra físicas.

MYLENA: Isso porque a região estaria no paralelo de 19 graus de latitude, o que induziria vários campos eletromagnéticos que “ressoariam em sinergia com o corpo humano”.

MYLENA: Mas enfim, o que eu posso dizer é que a região é muito linda mesmo, ela fica perto da Serra de Maracaju, e é procurada pelo ecoturismo. Durante o percurso na estrada de terra, eu cheguei a ver uma ararinha-azul super fofoa e algumas seriemas, que são animais bem comuns nessa região.

MYLENA: E em Havalon, a vista também é de tirar o fôlego, porque é bem em frente ao morro São Sebastião, que foi rebatizado pelos integrantes do Dakila como morro do Rankstar - que depois de dar uma pesquisada aqui, eu vi que é o nome de um suposto extraterrestre.

MYLENA: Enquanto eu estava por lá, uma guia da região me mostrou os pontos mais importantes do local e explicou a história de Dakila Pesquisa e de Urandir. Eu escutei tudo e posso dizer de novo, que eu ui muito bem tratada.

MYLENA: Eu confesso que eu esperava um lugar mais cheio. Eu não vi nenhuma pessoa mais fazendo o tour, o que foi até engraçado, porque eu nem tive tempo de dar uma caminhada sem a guia do lado. Mas quando eu conversei com o pessoal que estava trabalhando lá, eles me contaram que Havalon é um espaço utilizado para sediar as chamadas “atividades de campo”. Que seriam encontros que reúnem vários integrantes do Dakila Pesquisas de diferentes cidades do Brasil e até de outros países.

MYLENA: E nessas datas que eles compartilham seus “achados”, aí sim lá ficaria bem lotado. Aliás, tem mesmo uns chalezinhos e dormitórios para acomodar esse povo em Havalon. E com isso deu para ver que realmente a Dakila segue operando nessa frente de pesquisa, e que, em teoria, ela está abrindo seus braços para além do Mato Grosso do Sul. Só que é isso: em dias “normais”, algumas pessoas moram lá e seguem trabalhando para a própria instituição, como é o caso do motorista que me levou até lá.

MYLENA: Um detalhe que eu acho legal ressaltar é que, para fazer parte da associação Dakila e participar dos treinamentos, é preciso pagar uma mensalidade de 70 reais para ser titular, ou 65 reais na moeda BDM.

MYLENA: Inclusive, em vários momentos eu ouvi que os integrantes da Dakila usam essa moeda própria chamada BDM, que é a sigla para “Bônus Dourado Mercantil”. Com essa moeda, eles conseguem comprar comida e outras coisas por lá. Além disso, eles têm um local na região que eles chamam de “Milharal”. Lá eles investem na produção orgânica de hortaliças e ovos, segundo eles, tudo sem agrotóxicos.

Os moradores conseguem comprar esses produtos por lá. Pros visitantes, eu também vi algumas lojinhas com produtos da Dakila, com camisetas, canecas e outros souvenirs.

MYLENA: Mas aí em 2020 o Ecossistema Dakila criou a criptomoeda BDM DIGITAL, que segundo eles é...

TEXTO DO SITE BDMERCANTIL

um dinheiro que utiliza uma plataforma criptografada, para ser utilizado no dia a dia, cujo grande diferencial é aumentar a liberdade e o poder de compra da população, fomentando os negócios de grandes e pequenos empreendedores.

MYLENA: Essa descrição eu tirei da aba “Sobre Nós” no site oficial da BDMercantil. Eu já tinha visto propaganda dessa moeda em Campo Grande, mas honestamente eu nunca tinha associado ao Urandir e à Dakila. Inclusive isso é algo para se destacar. Como a gente mencionou, o Ecossistema Dakila conta com vários empreendimentos por aqui, como a empresa Vinhos 067 e Kion Cosmetics, que produz e comercializa produtos de beleza baseados em argila.

MYLENA: São cerca de 20 empreendimentos que de alguma forma estão trazendo dinheiro para essa turma e possivelmente financiando as pesquisas. E eu digo possivelmente, porque a gente não conseguiu cravar de onde vem o dinheiro pra bancar os estudos sobre Ratanabá e pra usar tecnologias caras como a LiDAR.

MYLENA: Para entender um pouco mais sobre essa questão do financiamento, eu perguntei à própria Dakila, por meio da assessoria de comunicação, como eles conseguiram financiar uma pesquisa com LiDAR. Por e-mail, o instituto informou que todo o investimento empregado nas pesquisas, incluindo o LiDAR e a compra de equipamentos, vem de recursos próprios, contando com a colaboração dos associados de Dakila e de simpatizantes que desejam ver os resultados das pesquisas. Eles ainda completaram dizendo o seguinte:

E-MAIL DA DAKILA

Não temos nenhuma participação de outros institutos de pesquisa ou qualquer outro órgão a fim de conseguir manter autonomia total sobre as pesquisas, sem interferências de interesses alheios que não tenham o compromisso com a verdade.

MYLENA: Outro ponto curioso do passeio foi quando conheci um monumento explicativo da terra convexa. Era uma espécie de maquete em pedra, que mostra aos visitantes, de forma “didática”, como é o formato da Terra. Ela era grande, tinha uns 4 ou 5 metros de largura. Para ver melhor a maquete, eu precisei subir em uma espécie de plataforma de observação, que era feita de madeira.

MYLENA: Lá, a guia me explicou que a Terra tinha mesmo um formato convexo. Não é plana não, viu, gente, é convexa mesmo, como se fosse, sei lá, um pote de salada, sei lá. Nas bordas desse pote, teria muito gelo, e atrás desse gelo, teria um novo continente, chamado “Norte Maior”. E, aparentemente, segundo eles, o Pólo Norte não existe.

MYLENA: Eu até questioneei: “Ah, mas a Nasa e outros institutos de pesquisa tem satélites e falam que a terra é redonda mesmo. Teve até pessoas que foram ao espaço e relatam isso”. Foi o que eu falei. Mas a resposta era a mesma: “É o que querem que você acredite” ou “esses institutos servem a interesses ocultos”.

MYLENA: Então, só para não deixar passar, a gente pediu para Karina, aquela climatologista e divulgadora científica, colocar sua colher nessa história.

KARINA LIMA

Terra convexa é uma nova roupagem da Terra plana. É mais uma teoria da conspiração sem amparo real em ciência. Os experimentos que eles fazem para provar que a Terra é plana ou convexa podem até enganar algumas pessoas, mas não passam pelo escrutínio científico. Esses experimentos têm muitas falhas, interpretações incompatíveis, conclusões incorretas e enviesadas, e esse mecanismo é típico do negacionismo científico em geral. Só para você terem uma ideia, a primeira circunavegação provando que a Terra é redonda aconteceu em 1522. Então é uma pseudociência tentando rever questões há muito tempo já resolvidas e negando muitos séculos de conhecimento.

MYLENA: Bom, lá eu também conheci o Centro Tecnológico Zigurats, assisti a uma palestra de “cortesia” sobre o local e vi umas fotos que supostamente mostravam as anomalias da região. Nesse momento, estava apenas eu, a minha guia do passeio e um dos “pesquisadores” da Dakila. Mas para mim, que gosto bastante de fotografia, eu vi que só eram fotos com problema de flash e iluminação mesmo.

MYLENA: Enfim, o resumo é que eu fui muito bem tratada o tempo todo, mas fiquei cansada, e com um misto de tristeza e revolta, especialmente por ver que algumas pessoas tão dispostas a largar empregos, família e a cidade natal em nome de um projeto que não tem estofamento científico. É quase um fanatismo; parece mais uma fuga dessa realidade complexa e enlouquecedora que a gente vive aqui no mundo real.

CAROL: E quando a gente estava editando esse roteiro, pintou mais um negócio digno de nota. No dia 25 de junho deste ano, uma postagem no Instagram da Dakila Pesquisas mostra o Urandir e uma colega sendo recebidos pelo Jamal Chaar, o Pró-Reitor de Inovação Tecnológica da Universidade Federal do Amazonas, a UFAM.

CAROL: Nessa postagem, eles mencionam que o encontro teve, abre aspas, "como objetivo a troca de informações sobre tecnologias desenvolvidas na UFAM e a parceria com o Ecossistema Dakila".

CAROL: Eles também disseram que "um protocolo de intenções está em andamento e será assinado em breve para selar esta parceria que trará muitas inovações para o estado do Amazonas e, através do Ecossistema Dakila, para o restante do Brasil e para o mundo!".

CAROL: A Mylena chegou a mandar um email para a UFAM para que eles esclarecessem o que é essa parceria.

MYLENA: Pois é, Carol! E eles responderam. Em resposta enviada por e-mail, o pró-reitor Jamal da Silva Chaar confirmou que os integrantes da Dakila foram

recebidos e tiveram suas demandas e propostas de parceria ouvidas. Escuta aí um trecho do e-mail:

E-MAIL DA UFAM

A Universidade Federal do Amazonas, enquanto autarquia federal, pública, autônoma, democrática, inclusiva e plural, não se furta a receber demandas da sociedade civil, de organizações públicas ou privadas, o que foi exatamente o que aconteceu com o Instituto Dakila e o Instituto Alerta Brasil.

MYLENA: O pró-reitor também informou que a UFAM, por meio da PROTEC, está avaliando a pertinência das demandas apresentadas, mediante solicitação formal e protocolada.

MYLENA: No entanto, não foram divulgadas as propostas e demandas apresentadas durante o encontro. Mas ele reforçou que nenhuma parceria foi firmada, já que não foi recebido nenhum protocolo de solicitação formal. Só que nas redes sociais, o pessoal da Dakila continua a divulgar como se houvesse uma parceria em andamento.

MYLENA: Por e-mail, a Dakila não esclareceu bem o que seria essa parceria, mas disse que o instituto tem como objetivo entre aspas “uma troca de conhecimentos”. Também deram a entender que a falta de recursos financeiros das universidades é um problema – o que não é uma mentira, né – e que por causa disso eles estão com parcerias em andamento, supostamente para dar vida a projetos que talvez nunca saíam do papel.

MYLENA: Enfim, falaram bastante, mas não disseram muita coisa. Não sabemos que parceria é essa, nem quais projetos estão sendo financiados. Parece que é tudo meio hipotético.

MYLENA: Também perguntei para o pessoal da Dakila qual é o interesse deles em participar de eventos científicos em universidades, que, em tese, são espaços de “ciência tradicional”. E que muitas vezes já repudiaram as afirmações do grupo, como a questão da terra convexa.

MYLENA: No email, eles responderam que eles participam de eventos “tradicionais” pelo simples fato de que, abre aspas,

E-MAIL DA DAKILA

Estamos fazendo pesquisas científicas e usando dados científicos. Ou seja, temos total capacidade de participar e mostrar resultados científicos de nossas pesquisas.

MYLENA: Na visão deles, o que gera toda a polêmica é que com os mesmos métodos dos acadêmicos, eles supostamente atingiram resultados muito à frente do que está sendo estudado e divulgado hoje em dia.

MYLENA: Eles também comentam que ao longo destes anos, encontraram profissionais que estão muito insatisfeitos com a prática da ciência e que querem fazer parte de uma suposta abre aspas “mudança efetiva”, buscando mais espaço para discutir ideias e fazer experimentos, ao invés de só ficar repetindo o que está escrito nos livros.

MYLENA: Durante os meus questionamentos, também mencionei que vários pesquisadores da arqueologia e de outros campos científicos já provaram que essa datação, que apontaria a existência de uma civilização há 450 milhões de anos na terra, é bem equivocada. Mas eles responderam que é normal uma teoria ser ajustada ou completamente desbancada. E ainda completaram dizendo o seguinte:

E-MAIL DA DAKILA

Se os egos ficarem acima da real importância das pesquisas e das descobertas, a humanidade vai estagnar. Desde que veiculamos a data de Ratanabá e das edificações na Amazônia, estamos vendo datações refeitas no mundo todo de objetos com erro de 1 milhão de anos. Isto não pode ser ignorado. Não é um erro pequeno justamente se levarmos em consideração a linha evolutiva que a ciência determinou para a origem da humanidade e do planeta anteriormente. Não se falava igualmente em pirâmides ou edificações na Amazônia brasileira, mas agora já estamos vendo cientistas admitirem estas hipóteses.

THEO: Só que tem dois problemas aí. O primeiro é que, mesmo se você assumir que os cientistas estariam recuando o tempo do surgimento dos humanos em 1 milhão de anos, o que já é controverso, isso tá muito longe de 450 milhões de anos. 1 pra 450 é muito longe, e não bate com a história geológica. Não tinha nem dinossauro, não tinha nem continente do jeito que é hoje

THEO: A outra coisa é sobre as pirâmides, ou sobre essas edificações que a Dakila falou no email. Deixa o Eduardo Goes Neves explicar

EDUARDO GÓES NEVES

Essas pirâmides de terra da Bolívia que estão sendo mapeadas agora já são conhecidas há algum tempo. Elas já foram escavadas, algumas delas, há mais de 20 anos. E essas idades chegam no máximo a 1500 anos atrás. Continua não fazendo sentido, mas é uma estratégia de comunicação, uma pseudohumildade, fala em aceitar os fatos e controlar os egos, como se houvesse uma disputa. Essa disputa é por dados científicos, por um lado uma informação científica, por outro lado um embuste. É isso que está em jogo aqui, não tem nada a ver com ego.

THEO: De qualquer jeito, a gente vai deixar a resposta toda da Dakila no nosso site e nos tocadores.

THEO: Então, como essa história passou por vários lugares e acontecimentos, vamos fazer uma listinha das teses do Urandir e da Dakila:

THEO: Número 1) Eles defendem a existência de Ratanabá e da civilização Muril, que seria composta por descendentes humanoides de alienígenas, e que teriam o “colonizado” o planeta há 450 milhões de anos. Isso não é válido porque, para começo de conversa, nessa época não tinha humano na Terra, nem humanoide, e nem continentes como eles são hoje.

CAROL: 2) Eles alegam que a terra não é redonda, e sim convexa; e que, para além dos limites das paredes de gelo dessa terra convexa, teria um continente secreto. As viagens de avião e de barco, os satélites e a movimentação de todos os corpos celestes discordam.

THEO: 3) Eles negam que eventos climáticos extremos, como as enchentes no Rio Grande do Sul, tenham qualquer relação com atividades humanas. E eles inclusive falam que queimadas na Amazônia não são possíveis, algo que a gente refutou em um episódio inteiro, chamado “Negacionismo climático à brasileira”.

CAROL: 4) Alguns membros do grupo Dakila têm discurso antivacina.

THEO: E 5) Se alguém refuta as teses deles, eles dizem que isso é acontece por interesses ocultos, o que reforça esse apreço por teorias conspiratórias.

THEO: Enfim, depois de um episódio como esse, eu vou dizer que até concordo com uma coisa do ET Bilu. Apenas, que busquem conhecimento.

ENCERRAMENTO

CAROL: Antes de ir para os créditos, eu queria te convidar a escutar o Economia do Futuro, um podcast que fala de iniciativas e movimentos para um mundo mais sustentável. Tem muito conteúdo bom ali, sério. E eles, assim como a gente, fazem parte da Rádio Guarda-Chuva, uma confraria de podcasts jornalísticos ótimos.

THEO: O Ciência Suja tem o apoio do Instituto Serrapilheira, que fomenta a ciência e a divulgação científica. Depois vai nas redes deles e no site pra ver como eles tão por trás de muita coisa espetacular.

THEO: A quinta temporada do Ciência Suja é apresentada por mim, Theo Ruprecht.

CAROL: E por mim, Carol Marcelino.

THEO: O roteiro é da Mylena Fraiha. A produção é dela também, junto com o Pedro Belo e a Chloé Pinheiro. Obrigado, Mylena!

MYLENA: Valeu gente, foi um prazer participar desse episódio!

CAROL: O Theo editou o roteiro, com apoio da Chloé Pinheiro, do Felipe Barbosa e do Pedro Belo. A edição de som, a mixagem, as trilhas originais e a masterização são do Felipe.

THEO: Neste episódio, nós usamos trechos da TV Record, do CQC, do Jô Soares Onze e Meia e do programa do Ratinho no SBT, do podcast Barbacast, do programa Café da Manhã da TV Cultura Litoral e da trilha de abertura da série Arquivo X. E de lives e vídeos encontrados nas redes sociais e no Youtube de canais vinculados à Dakila Pesquisas, como a própria Dakila Pesquisas, o Urandir Responde, TVCH e o canal “Unificando Conhecimento” do Rafael Hungria.

CAROL: As artes das capas e o projeto gráfico do Ciência Suja são da Mayla Tanferri e do Guilherme Henrique.

THEO: O nosso site foi desenvolvido pelo Estúdio Barbatana. Nele ou no seu tocador favorito e no Youtube, você encontra todos os episódios do Ciência Suja. Siga a gente nas redes sociais. O Ciência Suja tá no Instagram, Twitter, Facebook e TikTok.

CAROL: Daqui duas semanas, a gente encerra a temporada com um problema estrutural da ciência: a publicação de artigos científicos e os periódicos predatórios.